

# energia e indústria agropecuária: um mundo de oportunidades por explorar



**João Pedro Azevedo**  
Presidente do Conselho de Administração da Soja de Portugal

A indústria agropecuária e a energia são dois macro-setores que, ao longo de muitos anos, basearam a sua relação numa perspetiva cliente-fornecedor, sem olharem mutuamente para as infindáveis oportunidades de criação de valor que esta relação pode proporcionar. Na realidade, há uma miríade de oportunidades de negócio que decorre de uma visão mais atenta e transversal da relação entre estas duas indústrias, seja dentro do negócio da indústria agropecuária propriamente dito, mas também a montante e jusante da cadeia de valor.

Podemos começar pelo conceito básico de eficiência energética e pela procura de melhorar o uso das fontes de energia. E, neste campo, muito se tem feito no combate ao desperdício de energia e utilização de fontes alternativas mais eficientes. Mas do que conheço da realidade da indústria há ainda um longo caminho a percorrer, com imensas oportunidades de negócio no percurso. E se quisermos complicar um pouco mais, e pretendermos medir a eficiência energética numa linha de produção que produz multiproducto e perceber o consumo real por produto, por lote de produção, qual o impacto da composição e da fórmula do produto no consumo energético ou ainda da dimensão do lote na eficiência, então aí diria que estamos apenas no início do esboço das ideias. Na realidade, pouco ou nada se tem feito. Na Soja de Portugal temos tentado explorar a base de todos estes princípios e pretendemos brevemente introduzir o conceito de *inteligência* na gestão da energia. Qual o objetivo? É simples. Queremos fazer uma gestão proativa da energia e evidentemente da produção, dos stocks de produto acabado e intermédio, em vez de nos limitarmos a monitorizar o que estamos a fazer, mesmo que seja *online*. Um sistema inteligente permite-nos antecipar o impacto previsível das nossas ações e esse conhecimento prévio pode levar-nos a tomar decisões diferentes. Na realidade, a energia é um recurso demasiado caro e com demasiado peso na sustentabilidade para não ser gerido de forma inteligente.

Podemos também olhar para o potencial do aproveitamento energético de subprodutos, decorrentes do processo industrial. E, neste campo, as oportunidades e as soluções tecnológicas são de uma variedade absolutamente espantosa. Invoquemos dois exemplos genéricos, a biomassa e o biogás. Começando pelo primeiro, é natural que num processo industrial existam desperdícios, subprodutos, que não podem ser reprocessados e cujo valor final é muito baixo e até, por vezes, negativo. Nos últimos anos, a tecnologia de queima de biomassa tem desenvolvido sistemas altamente flexíveis, que permitem a queima separada ou conjunta de matérias-primas dificilmente manuseáveis. É mesmo o problema das partículas, que inviabilizava muitos processos de queima pela violação dos "vle's" constantes nas licenças ambientais está, hoje, muitíssimo mais controlado devido ao desenvolvimento da tecnologia de controlo

de emissão de partículas (e, já agora, alguma desta tecnologia é portuguesa). Quanto ao biogás, a questão é certamente mais complexa em termos tecnológicos, mas a oportunidade é imensa, até porque poderemos juntar à valorização de alguns subprodutos, os efluentes pecuários ou outros efluentes líquidos. E nesta última situação, estamos a falar de um enorme custo económico da indústria e de um passivo ambiental que a tecnologia tem tentado transformar numa fonte de receita. Já existem casos de enorme sucesso por esse mundo fora e não tenho dúvidas que algumas limitações destes sistemas, e da falta de flexibilidade que de forma geral apresentam, serão ultrapassadas com os fortes investimentos em inovação, investigação e desenvolvimento. Na Soja de Portugal, neste momento, mais de 80% da energia térmica que produzimos tem origem na biomassa. No entanto, apesar de termos vários projetos de investigação e desenvolvimento no domínio do aproveitamento dos subprodutos para fins energéticos, reconhecemos que este não é um caminho fácil. Em primeiro lugar, a produção de energia a partir deste tipo de biomassa (subprodutos animais) só pode ser feita em sistema de incineração por motivos legais. Desta forma, a atratividade do projeto fica altamente comprometida face a outras alternativas que se nos deparam. Por outro lado, se pensarmos no biogás, a tecnologia atualmente existente exige uma estabilidade e uma homogeneidade de subprodutos que não é compatível com a variação qualitativa de subprodutos que, na realidade, existe na indústria. E essa realidade torna o risco médio deste tipo de projetos bastante elevado. Neste domínio, resta-nos continuar a trabalhar para encontrar melhores soluções, que não tenham dúvidas que a ciência ajudará a descobrir.

E, claro, há todo o setor das renováveis, que permite aproveitar as infraestruturas e o espaço físico já pré-existente para produzir energia solar ou eólica através das inúmeras possibilidades tecnológicas disponíveis no mercado. E, neste caso, para além do negócio da energia, que deve ser analisado caso a caso e que depende obviamente do enquadramento legal do espaço geográfico onde estamos inseridos, há um potencial de capitalizar na marca ou no produto o menor impacto ambiental que o processo permite.

Podemos dar muitos outros exemplos de zonas de interseção entre a energia e a indústria agropecuária, como por exemplo os biocombustíveis e a energia hídrica, mas a lista é extensa e não é objetivo deste artigo enumerar todas as oportunidades.

O ponto é que qualquer um destes temas pode ter um significativo impacto no negócio base, seja pela via dos custos, dos processos, dos proveitos ou da imagem e do posicionamento da marca ou do produto. E isso pode ser absolutamente determinante para a competitividade e sustentabilidade de uma organização num contexto global, fortemente competitivo, em que os vários atores buscam incessantemente fatores de diferenciação. Desta forma, penso que cada vez mais a energia não deve ser olhada como um

**Queremos fazer uma gestão proativa da energia e evidentemente da produção, dos stocks de produto acabado e intermédio, em vez de nos limitarmos a monitorizar o que estamos a fazer, mesmo que seja online.**

